

O PODER DA TRADUÇÃO

Por Luis S. Krausz*

MILTON, J. (1993). *O poder da tradução*. *Ars Poetica*, 195 p.

Tradução é, e sempre foi, um problema. Problema no sentido original da palavra, grego: em primeira instância obstáculo, barreira e só conseqüentemente tarefa, missão, algo que demanda trabalho, solução, problema na acepção moderna da palavra.

A reflexão acerca das maneiras de se contornar este problema é, conforme nos mostra John Milton em "O Poder da Tradução", tão antiga quanto a sua própria existência. Este breve estudo mostra que a discussão de como proceder para traduzir de maneira satisfatória, e a busca por uma tradução ideal, "correta", vem desde Cícero e Jerônimo.

Para não se falar na velha Alexandria, onde foi realizada a primeira tradução da Bíblia hebraica para o idioma grego, a famosíssima "Septuaginta" ou "Tradução dos Setenta".

A questionabilidade de toda tradução reflete-se na lenda que se criou em torno desta primeira tradução grega da Bíblia: diz-se que foram reunidos, para a realização desta árdua tarefa, os setenta (ou setenta e dois) maiores sábios judeus de Alexan-

dria, e que a cada um deles foi confiada a missão de preparar uma tradução das Sagradas Escrituras. Findo o prazo determinado, todas as traduções foram comparadas, e revelaram-se rigorosamente idênticas, o que só poderia ser interpretado como um sinal de influência divina.

Se por um lado isto sacralizava a versão dos setenta, por outro lado também removia o problema – e quaisquer críticas eventuais. A barreira entre as línguas fora transposta não pelo esforço questionável dos homens, mas pela interferência divina que, assim, ajudava a superar o abismo criado entre as várias línguas na época da construção da torre de Babel. Mas a missão de traduzir, desde então, ficou a cargo dos homens – inevitavelmente falíveis, irremediavelmente perseguindo uma perfeição que não são capazes de alcançar, assim como os construtores de uma torre gigantesca que pretendesse alcançar os céus.

Dentre todas as atividades humanas, não há nenhuma que se aproxime tanto da história da Torre de Babel quanto a dos tradutores. Afinal, não fosse por Babel eles jamais existiriam e nós todos, até hoje estaríamos falando a linguagem adamita, pré-

* Luis S. Krausz é mestre em Letras Clássicas pela University of Pennsylvania e pós-graduado pela Universidade de Zurique, Suíça. Traduziu, recentemente, para a Editora Martins Fontes, *O Canto dos Nibelungos*, poema medieval anônimo, do médio-alto-alemão.

Babel, postulada pela Bíblia (e por Walter Benjamin).

É como se existisse um referencial pré-verbal, pré-lingüístico, pertencente a um universo sensorial, imagético, conceitual e inconsciente, que o bom tradutor evocasse ao ler uma palavra ou frase na língua de origem, e cuja evocação fosse capaz de despertar, nele, frases ou palavras (sempre a seu ver) correspondentes na língua de origem. Algo que dificilmente poderia ser descrito em palavras.

Este livro de John Milton é, sobretudo, uma descrição sumária das múltiplas concepções de tradução ao longo da história. Partindo dos poetas ingleses dos séculos XVII e XVIII, que criaram sobretudo traduções dos clássicos gregos e latinos, o autor analisa as suas concepções, sobretudo ligadas à “traduzibilidade” dos clássicos para uma língua moderna, dadas as diferenças na estrutura e sonoridade das línguas, e a marcada disparidade entre todos os outros referenciais, como o ambiente físico e cultural mais amplo. Assim, sucedem-se, de maneira bastante abreviada, as concepções de Dryden, Pope, Tytler e outros. Em seguida o autor apresenta um resumo dos franceses no século XVII e as dos clássicos alemães, inauguradas pela tradução que Lutero fez da Bíblia em 1530. As concepções de românticos como Goethe, A.W. Schlegel, Novalis, Humboldt e outros, que atribuem à tarefa de traduzir uma dignidade e nobreza exaltadas são descritas.

É sobre estas tendências fundamentais que vai se basear a discussão da tradução no ocidente, no século XX, e que ocupa a maior parte deste volume.

O autor percorre uma longa série de opiniões e teorias, desde Ezra Pound e Robert Frost a Walter Benjamin e J. L. Borges, passando por Vladimir Nabokov, Boris Paternak e Paul Valéry.

Se o presente estudo tem como mérito apresentar uma vasta gama de opiniões, teorias e concepções da tradução, provenientes de diversos séculos e países, por outro lado o faz de maneira tão sumária que se torna difícil guardar muita coisa depois de uma leitura. Sem dúvida é uma amostra da polémica que sempre se travou – e se trava – em torno do nosso problema. Também é louvável sua capacidade de conduzir a estudos e pesquisas mais detalhadas, através de extensas notas bibliográficas, que demonstram grande erudição.

E o livro vem carregado de teses interessantes, curiosidades, boas idéias, tornando-se um passeio por vezes bastante agradável pela história de nosso problema.

Mas nota-se que o autor fez um pouco o que tentam fazer alguns tradutores: escondeu-se por trás do original, as teorias dos vários poetas e intelectuais por ele citados, deixando transparecer muito pouco de si mesmo ou de conclusivo. É uma daquelas obras nas quais, em nome de uma certa “objetividade” o autor abstém-se de colocar-se de maneira mais clara, posicionando-se em relação à matéria de que trata.

Apresentado em 1994.